

AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO E AS IMPLICAÇÕES PARA A ENFERMAGEM¹

[The transformations in the world of work and the implications for the nursing]

Neusa Collet*
Célia Alves Rozendo**

RESUMO: O objetivo deste estudo é fazer uma reflexão acerca das transformações ocorridas no mundo do trabalho e as repercussões no trabalho da enfermagem. Fazem-se breves considerações sobre o trabalho enquanto categoria fundante da sociabilidade humana no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo e sua reprodução por meio da expansão ampliada. Consideram-se como implicações mais imediatas os aspectos relacionados à exigência de um conhecimento global e de uma prática especializada, o acompanhamento dos avanços tecnológicos, a captação e o consumo crescentes de informações e a superação de fronteiras de qualquer tipo (geográficas, culturais, económicas). Ao final, sugere-se que a enfermagem não pode ficar à mercê e à margem das transformações, tampouco aderir a elas acriticamente, mas refletir acerca das possibilidades e dos limites de sua prática. Para tanto, acredita-se ser imprescindível a incorporação de estratégias à prática cotidiana da enfermagem, a saber: competência técnica e política com compromisso e responsabilidade, democratização dos ambientes de trabalho, maior integração entre teoria e prática, desencadeamento de um processo contínuo de aprendizado, criação de mecanismos de elevação da auto-estima em relação à profissão, participação política efetiva na sociedade como um todo (associações, partidos, sindicatos) e articulação com outras categorias profissionais.

PALAVRAS CHAVE: Trabalho; Enfermagem; Sociedade global.

INTRODUÇÃO

As transformações no mundo do trabalho no final do século XX têm sido objeto de debate de pesquisadores, principalmente das ciências sociais, que se dedicam a analisar

as questões das transformações sociais de uma maneira em geral decorrentes do processo de globalização. A relação que se faz acompanha o desenvolvimento do capitalismo em seu momento atual em que se verifica uma globalização do capital e, por consequência, do mundo do trabalho.

“No âmbito da fábrica global criada com a nova divisão internacional do trabalho e produção - ou seja, a transição do fordismo ao toyotismo e a dinamização do mercado mundial, amplamente favorecidas pelas tecnologias eletrônicas - colocam-se novas formas e novos significados do trabalho. São mudanças quantitativas e qualitativas que afetam não só a dinâmica das forças produtivas, mas também a composição e a dinâmica da classe operária. A própria estrutura social, em escala nacional, regional e mundial, é atingida pelas mudanças. Na medida em que a globalização do capitalismo, considerada inclusive como processo civilizatório, implica a formação da sociedade global, rompem-se os quadros sociais e mentais de referência estabelecidos com base no emblema da sociedade nacional” (Ianni, 1996. p. 15-16).

Nesta perspectiva, deparamo-nos com um caminho em que tudo adquire novos significados a partir dos horizontes abertos pela sociedade global. É neste contexto que nos parece ser impossível deixar de discutir estas questões no âmbito da saúde, em geral, e da enfermagem, em particular. Neste trabalho temos por objetivo tecer algumas considerações sobre as transformações no mundo do trabalho abordadas por teóricos do assunto trazendo alguns apontamentos desta nova perspectiva para a enfermagem.

Inicialmente, pontuamos breves considerações acerca da categoria trabalho enquanto categoria fundante da sociabilidade humana no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo e sua expansão ampliada. Partindo desta concepção, levantamos alguns aspectos que consideramos de relevância para entender as implicações destas transformações para o trabalho de enfermagem.

Trata-se de uma temática bastante complexa e este trabalho busca desencadear um processo de reflexão e discussão no interior da enfermagem, mais do que de dar conta de propor grandes avanços no debate teórico das

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina Construção do Conhecimento vinculada ao Programa de Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública da EERP-USP. Apresentado no 10º Seminário de Pesquisa em Enfermagem – SENPE, realizado de 24 a 27 de maio de 1999 em Gramado – RS.

* Enfermeira, Professor Assistente de Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, doutoranda do Programa Interunidade de Doutorado em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

** Enfermeira, Professor Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, doutoranda do Programa Interunidade de Doutorado em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

questões que envolvem o momento atual das “metamorfoses” do mundo do trabalho.

O MUNDO DO TRABALHO

Alguns estudiosos têm discutido as transformações no mundo do trabalho na era do globalismo (Mészáros, 1989; Ianni, 1996a e 1996b; Antunes, 1997). Trata-se de uma realidade problemática que requer cada vez mais um aprofundamento do debate das questões que a envolvem. A globalização e as transformações estruturais do capitalismo decorrentes desta nova lógica de mercado, tornam complexas as relações de trabalho e exigem novas formas de avaliação deste processo.

No capitalismo contemporâneo, globalizado, observa-se que novos processos emergem onde a lógica do fordismo e do taylorismo, do cronometro e da produção em série e de massa, é “substituída” pela flexibilização da produção, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado (Antunes, 1997).

Entretanto, segundo o mesmo autor, esta substituição não deve ser entendida como um *novo modo de organização societária, livre das mazelas do sistema produtor de mercadorias, nem tampouco deve ser entendida como um avanço em relação ao capitalismo da era fordista e taylorista*. Neste ‘novo’ processo de trabalho o produto permanece alheio e estranho ao produtor, preservando o fetichismo da mercadoria (Antunes, 1997. p.33-34).

Essa mercadoria também assume novo significado na medida em que a taxa de uso decrescente do capitalismo imprime a ela a possibilidade de estar constantemente em uso ou mesmo nem ser usada, sem perder por isso sua utilidade no que tange às exigências expansionistas do modo de produção capitalista. Quanto menos um produto é usado ou utilizado, tanto melhor para o capital dado que a subutilização promove a vendabilidade de novas peças de mercadoria, isto é, faculta a crescente velocidade de circulação (Mészáros, 1989).

A reprodução do capitalismo e sua expansão ampliada continuam asseguradas nesta nova lógica, pensada a partir da linha de menor resistência do capital. Novas estratégias são criadas a fim deslocar as contradições internas do capital e continuar garantindo sua expansão ampliada. Contudo, essas contradições internas na relação capital/trabalho não deixam de existir já que o trabalhador permanece estranhado do seu trabalho, e o trabalho continua sendo a categoria fundante da sociabilidade humana (Antunes, 1997).

Uma das questões graves e prementes que emergem nesta nova etapa de desenvolvimento do capitalismo é a do desemprego estrutural, como resultado das modificações

das formas de organização técnica da produção. Com a introdução do desenvolvimento tecnológico nos processos produtivos, o trabalhador passa a controlar a máquina que desenvolve a produção. A exigência agora é de um trabalhador mais polivalente, mais especializado e, ao mesmo tempo, mais diversificado nas suas capacidades para dar conta das exigências colocadas pelo modo de organização do trabalho (Antunes, 1997).

O desemprego estrutural vem atingindo proporções cada vez maiores na medida em que a automação, a robótica e a eletrônica vão tomando espaços antes ocupados pelo homem, formando um contingente numeroso de trabalhadores disponíveis, de desempregados mais ou menos permanentes (Ianni, 1996b). Houve uma redução do operariado industrial e fabril e um aumento do subproletariado, do trabalho precário e do assalariamento no setor de serviços (Antunes, 1997).

Segundo Ianni (1996b. p.11) a “globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial”. Esta é a grande inovação da universalização do capitalismo, o desenvolvimento de forma intensiva e extensiva com base na incorporação das novas tecnologias, na criação de novos produtos, na recriação da divisão internacional do trabalho e na mundialização dos mercados. As fronteiras geográficas, históricas e culturais são ultrapassadas. Intensifica-se e generaliza-se também o movimento mundial dos trabalhadores. Recriam-se outras formas sociais de vida e de trabalho envolvendo modos de ser, agir, pensar, imaginar e sentir.

Verifica-se um declínio do Estado-Nação que passa a ser obrigado a aceitar as decisões e diretrizes provenientes de centros de poder regionais (MERCOSUL, NAFTA, etc.) e mundiais (FMI, Banco Mundial, etc). O alcance do capitalismo e as transformações imprimidas transcendem mercados e fronteiras, projetos nacionais, regionalismos, culturas, civilizações. “Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e em escala ainda mais ampla desde o término da guerra fria, o capital adquiriu proporções propriamente universais” (Ianni, 1996b. p.19).

Essas condições de reprodução ampliada do capital em escala global trazem consigo a reprodução de desigualdades, tensões, antagonismos, carências que também acontecem em escala mundial. O trabalho toma uma configuração abrangente, complexa e contraditória em todo o mundo. Agravam-se as diversas tensões e fragmentações, provocando o desenvolvimento acelerado de desigualdades de todos os tipos.

“Cabe reconhecer que a flexibilização do processo de trabalho e produção envolve a emergência de um novo trabalhador coletivo. (...). O seu trabalho, enquanto

trabalho social, geral e abstrato, realiza-se em âmbito mundial. (...). Isto significa que todo trabalho individual, concreto e privado passa a subsumir-se ao trabalho social, geral e abstrato que se expressa nas trocas mundiais, no jogo das forças produtivas em escala global. É claro que continuam a manifestar-se as mais diversas formas sociais e técnicas de trabalho (...) todas essas formas de trabalho guardam características socioculturais próprias de cada trabalhador e lugar (...). A despeito desta diversidade e precisamente por isso mesmo é que todas as formas singulares e particulares de trabalho são subsumidas pelo trabalho social, geral e abstrato que se expressa no âmbito do capitalismo mundial, realizando-se aí (Ianni, 1996. p.26-27).

Em época de globalização do capitalismo, complexificam-se as relações de trabalho de uma forma geral. Mas não se pode esquecer que as condições de vida e de trabalho dos trabalhadores são determinadas pelas suas condições concretas de existência. Suas reivindicações e lutas seguem as suas condições de trabalho, e essas condições novas e problemáticas para a maioria dos operários colocam-se como possibilidades e dificuldades de organização do movimento operário em geral. Emerge, assim, o desafio de recriar as organizações sindicais com base nas perspectivas e desafios da nova sociedade global. Trata-se de uma tarefa árdua, mas imprescindível para a criação de condições de globalização desde baixo.²

No decorrer deste tópico, apresentamos alguns dos aspectos que vêm sendo discutidos acerca das transformações no mundo do trabalho desencadeadas a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e intensificadas na época da guerra fria (1946-1989). A seguir, buscaremos fazer algumas considerações a respeito das implicações destas transformações para o trabalho em enfermagem, apontando a necessidade de voltarmos nosso olhar às novas formas de organização do trabalho.

A SOCIEDADE GLOBAL E A ENFERMAGEM

A enfermagem é uma das práticas profissionais da área da saúde e como tal, para ela os objetos de investigação têm sido predominantemente temas oriundos desse trabalho, como aqueles relativos ao cuidado e assistência de enfermagem; à organização e administração dessa assistência; aos trabalhos educativos e de promoção à saúde; aos recursos humanos em enfermagem; ao ensino formal; aos estudos da própria profissão, como seu papel, seu status, transformações histórico-sociais e trabalhos

voltados para a promoção humana incluindo o exercício da cidadania (Almeida, 1996).

Atualmente, há que se considerar as implicações para a enfermagem levando-se em conta as transformações que estão ocorrendo no mundo do trabalho, na sociedade globalizada. As questões da flexibilização do trabalho, o recente processo de desospitalização desencadeado pela incorporação do avanço tecnológico, as exigências cada vez maiores da alta especialização dos trabalhadores da saúde e, simultaneamente, sua desqualificação, o aumento do trabalho parcelar, as novas formas de gerenciamento e as práticas interdisciplinares, têm apontado profundas transformações do trabalho no campo da saúde e da enfermagem.

Este é um processo recente e de difícil percepção por estarmos vivenciando o mesmo. Estamos muito mergulhados no curso destas transformações o que torna árdua e custosa a percepção e a explicação da realidade atual. Muitas mudanças ainda estão sendo introduzidas e mesmo assim já se percebe alterações significativas no processo de trabalho da enfermagem.

Ianni (1996b. p.7-11) chama nossa atenção em relação aos aspectos que devem ser levados em conta para compreendermos este processo. O autor afirma que *“para compreender os movimentos e as tendências da sociedade global, pode ser indispensável compreender como as diversidades e desigualdades atravessam o mundo” e que a “globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial”*.

Trilhar o caminho da apreensão e explicação desta “nova” realidade é um dos desafios também para a enfermagem enquanto prática social, não só buscando desvendar as características do trabalho nesta etapa de desenvolvimento do capitalismo no interior da profissão, mas tratando de descobrir as implicações concretas para a profissão; não só explicando os determinantes das transformações que estão ocorrendo, mas tratando de criar estratégias de superação das contradições impostas.

Neste contexto globalizado, a enfermagem precisa voltar o seu olhar para as questões centrais hoje no mundo do trabalho. Com a incorporação acelerada do desenvolvimento tecnológico, principalmente nos ambientes hospitalares, ao mesmo tempo que há a exigência de um trabalhador mais especializado, mais polivalente para a realização do cuidado, este mesmo processo o desqualifica, na medida em que as suas atividades passam a ser as de controlar as máquinas que regulam as funções vitais dos doentes em tratamento. Como exemplo citamos as bombas de infusão.

Na “sociedade do descartável”, do aumento da taxa de uso decrescente e da flexibilização nos contratos de

² Expressão usada por IANNI, 1996a, mostrando que a globalização pelo alto pode ser questionada via movimentos e lutas desenvolvidas pelos trabalhadores.

trabalho, cada vez mais o trabalhador do campo da saúde vai se percebendo envolvido num processo que lhe causa muita ansiedade (Mészáros, 1989).

Entretanto, Ianni (1996a) coloca que neste processo a intervenção humana está longe de desaparecer, ao contrário, ela nunca foi tão importante, mas suas funções passam a ser mais abstraias e intelectuais.

Dowbor (1996. p.59) aponta o cuidado que devemos ter em olhar o processo de globalização. *“Daí a necessidade de substituímos a visão de que ‘tudo se globalizou’ por uma melhor compreensão de como os diversos espaços de nosso desenvolvimento se articulam, cada nível apresentando os seus problemas e as suas oportunidades, e a totalidade representando um sistema mais complexo”.*

É neste sentido que é importante olharmos para estas transformações no cotidiano do trabalho no campo da saúde em geral e, da enfermagem, em particular. Coloca-se a necessidade do desenvolvimento de debate aprofundando as implicações para o processo de trabalho da enfermagem diante deste novo contexto social mundial.

Tanto quanto entender as transformações no mundo do trabalho, parece-nos fundamental compreender suas implicações no trabalho do campo da saúde e, particularmente, no trabalho da enfermagem, seja ele no âmbito do ensino, da pesquisa, da extensão ou da assistência. Estes são alguns dos grandes desafios para os trabalhadores em enfermagem. Se não mantivermos nossos olhos alertas para o que é novo e diferente, poderemos perder o que é essencial, a possibilidade de desenvolvermos um trabalho criativo e não alienado.

A busca de alternativas neste contexto indica que a

“recomposição de uma teoria crítica da ordem do capital é condição para que se efetive um movimento de superação do atual estado de coisas. (...) capaz de dissolver a lógica do capital e concretizar a possibilidade real de fazer dos homens emancipados no seu trabalho gestores de máquinas automáticas e de seu tempo livre, deve se encaminhar para uma mutação antropológica, uma nova forma de o homem estar no mundo e na história, vivendo numa comunidade de seres igualmente livres” (Del Roio, 1996. p.205-6).

A enfermagem está inserida neste processo e não pode ficar à mercê das transformações, tampouco aderir a elas acriticamente. Precisa compreendê-las, refletindo acerca das possibilidades de superação de um processo cada vez mais excludente da grande massa de trabalhadores do processo de produção.

Diante de todas estas questões, nossa preocupação encaminha-se para a reflexão de quais são as respostas da enfermagem a esse processo de transformação, uma vez

que as forças hegemônicas orientam as reformas sob a égide do processo de globalização.

Um dos aspectos que apontamos, é que estes processos precisam ser considerados e defendidos à luz dos direitos do cidadão de expressar suas demandas e necessidades em uma sociedade que estabeleça mecanismos justos e igualitários para atendê-los e resolvê-los (Sena-Chompré & Egry, 1998). Essa torna-se uma força contra-hegemônica necessária à medida que a competição e o individualismo estão sendo cada vez mais enraizados em nossa sociedade.

A possibilidade de construção de uma nova prática assistencial frente às mudanças ora apresentadas leva à necessidade de um trabalho articulado e integrado entre serviço, academia e comunidade, e, ao mesmo tempo, com uma visão intersetorial, com base nas necessidades da comunidade. É nisto que se faz fundamental a vontade política e o compromisso dos profissionais, juntamente com a comunidade para buscar as transformações necessárias. Um compromisso que lute pela causa da vida fundamentado na competência técnica, científica e política dos agentes, com a democratização dos ambientes de trabalho, maior integração entre teoria e prática, desencadeamento de um processo contínuo de aprendizado, criação de mecanismos de elevação da auto-estima em relação à profissão, participação política efetiva na sociedade como um todo (associações, partidos, sindicatos), articulação com outras categorias profissionais, enfim, com a criação de instâncias que possibilitem a participação de todos no processo de tomada de decisões-responsabilidades.

São mudanças mais do que necessárias para que a enfermagem, enquanto prática social, assuma suas responsabilidades frente às mudanças atuais no mundo do trabalho. É um processo a ser construído no coletivo das ações, no cotidiano dos agentes. Tendo consciência dos limites, que estes sirvam como impulsionadores às lutas pela resistência às condições adversas de vida e que sejam superados buscando as transformações necessárias.

Neste contexto, os trabalhadores da enfermagem necessitam consolidar e ampliar seus conhecimentos e seus “fazeres” em direção à revalorização do cuidado de qualidade. Se hoje a exigência é de um trabalhador mais especializado, este mesmo trabalhador precisa estar mais comprometido com o seu “que fazer”.

A construção de um projeto político mais amplo para a enfermagem envolve o conjunto dos trabalhadores, buscando parcerias intersetoriais, para rompermos com o modelo assistencial focal, com as velhas práticas consolidadas e avançarmos em direção à construção de um modelo cada vez mais fundamentado na compreensão da determinação social do processo saúde-doença, construindo

práticas recriadoras e comprometidas com a qualidade dessa assistência.

ABSTRACT: The aim of this study is to make a reflection about the transformations occurred in the world of work and the repercussions in nursing work. To make brief considerations about the work while founding category of the human sociability in the current degree of development of the capitalism and its reproduction by means of the enlarged expansion are made. We consider as more immediate implications the aspects related to the demand of a global knowledge and of a specialized practice, the follow up of the technological advances, the captivation and the crescent consumption of information and the overcoming of boundaries of any kind (geographical, cultural, economical). Finally, it is suggested that nursing can not be at the mercy and the margin of such transformations, neither adhere to them acritically, but reflect about the possibilities and the limits of its practice. For that, it is believed to be indispensable to incorporation of strategies to the quotidian practice of nursing, such as: technical competence and politics with compromise and responsibility, working set democratization, greater integration among theory and practice, the unchaining of a continuous process of apprenticeship, the creation of mechanisms of raising of the self-esteem regarding the profession, effective politic participation in the society as a whole (associations, parties, syndicates) and articulation with other professional categories.

KEY WORDS: Work; Nursing; Global society.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA.M.C.P. et al. A pesquisa no ensino de pós-graduação em enfermagem "stricto sensu". In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 8., Ribeirão Preto, 1995. Anais. Ribeirão Preto, Associação Brasileira de Enfermagem, Sub - Seção Ribeirão Preto, 1996. p. 16-32.
2. ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 4.ed. São Paulo : Cortez, 1997.
3. DEL ROIO, M. A crise do movimento operário. In: FREITAS, M.C. de (Org.) **A reinvenção do futuro:** trabalho, educação, política na globalização do capitalismo. São Paulo : Cortez, 1996. p. 187-207.
4. DOWBOR, L. Da globalização ao poder local: a nova hierarquia dos espaços. In: FREITAS, M.C. de (Org.) **A reinvenção do futuro:** trabalho, educação, política na globalização do capitalismo. São Paulo : Cortez, 1996. p. 55-75.
5. IANNI, O. O mundo do trabalho. In: FREITAS, M.C. de (Org.) **A reinvenção do futuro:** trabalho, educação, política na globalização do capitalismo. São Paulo : Cortez, 1996. p. 15-54 .
6. _____. **A era do globalismo.** Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996b.
7. MÊSZÁROS, I. **Produção destrutiva e estado capitalista.** São Paulo : Ensaio, 1989.
8. SENA-CHOMPÉ, R. R.; EGRY, E.Y. **A enfermagem nos projetos UNI:** contribuição para um novo projeto político para a enfermagem brasileira. São Paulo : Hucitec, 1998.

Endereço do autor:
Rua Joaquim Távora, 1551 - Parque São Paulo
85 803-750 - Cascavel - PR
Fone: (0XX45) 223-6828
E-mail: neucollet@hotmail.com